

O ator como signo: comunicação entre filme e público

RESUMO

Os personagens são recursos fundamentais para um filme, uma vez que constroem a narrativa por meio de suas ações. Buscando entender o ator enquanto signo do personagem interpretado, é percebido que ele pode assumir ao mesmo tempo o papel de signo de si mesmo ou de um personagem interpretado anteriormente. Assim, este artigo objetiva vislumbrar como o ator enquanto signo influencia na narrativa de um filme e como ele se comunica com o público. Para tanto, um questionário foi aplicado a estudantes de Midialogia e Artes Cênicas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), havendo delimitação da bagagem cultural da população estudada. Os principais resultados e conclusões mostram que o enredo tem grande importância na identificação do público com o filme; que o ator que se confunde com seu personagem, sendo um o signo do outro, favorece a narrativa fílmica e a relação entre personagem e público; e que o signo impregnado no ator interfere na percepção do personagem interpretado, podendo o favorecer no caso de um ator que também é signo de si mesmo e o prejudicando no caso de um ator que também é signo de outro personagem.

PALAVRAS-CHAVE

Narrativa; personagem; espectador; ator; cinema.

INTRODUÇÃO

Sou ex-estudante de teatro, atual estudante de mídias e amante do cinema. Como estudante do teatro e de mídias, percebo o ator como um meio de expressão e comunicação entre a narrativa fílmica e o público. Como espectadora, a figura do ator sempre atraiu minha atenção, assim como acontece com grande parte dos espectadores cinematográficos. Há um fetiche em torno da figura do ator, em parte por sua importância na construção da narrativa de um filme, visto que o personagem é essencial nessa construção, e em parte porque o ator carrega em si, muitas vezes, mais do que seu personagem: ele pode conter sua própria imagem ou a referência a um personagem interpretado anteriormente. Tomando como ponto de partida essa capacidade representativa, este artigo propõe que os atores são signos de seus personagens.

Signo “é qualquer coisa que substitui uma outra coisa para algum intérprete” (SANTAELLA, 2001, p.31). Signo é representação, arbitrária ou não, sendo composto por duas unidades: significante, ou seja, aquilo a que o signo se refere, e significado, ou seja, o sentido ou o valor do signo (EPSTEIN, 1985, p.8). No caso dos atores, seu significante é o personagem e seu significado é o conjunto das escolhas e ações que determinam o desencadeamento dos eventos na narrativa de um filme.

Os atores podem funcionar como um “duplo signo” (adotarei este termo para o desenvolvimento do artigo, devido à falta de nomenclatura apropriada aplicada à literatura relacionada ao tema). Essa característica funciona de duas maneiras: 1. O ator pode ser, ao mesmo tempo, signo do personagem que interpreta e de si mesmo, no caso de ser uma personalidade famosa; nesse caso, para cada personagem interpretado, o ator carrega uma carga da sua imagem pessoal. Um grande exemplo é Marilyn Monroe, cujas personagens conviviam com a figura da própria atriz, de modo que o público ao assistir a um filme estrelado por ela, percebiam não só a

personagem, como também (ou principalmente) a personalidade Marilyn Monroe. 2. O ator também pode ser, ao mesmo tempo, signo do personagem que interpreta no presente e de um personagem anterior que tenha marcado sua carreira. Um bom exemplo é Daniel Radcliffe, cuja carreira foi marcada pelo protagonista da saga *Harry Potter* (2001); assim, cada personagem que interpreta recebe uma carga da imagem do jovem bruxo mais famoso do cinema.

Em oposição, há casos em que ator e personagem se fundem de modo a um se tornarem o signo um do outro, como no caso de Adèle Exarchopoulos e sua personagem no filme *Azul é a Cor Mais Quente* (2013). Quando foi selecionada para interpretar a protagonista do filme, a atriz era desconhecida do público, que não possuía referências da sua imagem pessoal ou de outros personagens por ela interpretados (como a personagem Erell do filme *Des Morceaux de Moi*, de 2013). Aproveitando-se disso, o diretor e roteirista do filme, Abdellatif Kechiche, aproximou imensamente a atriz da protagonista e vice-versa: a personagem teve seu nome alterado para Adèle (originalmente, era Clementine), alguns dos traços de Exarchopoulos foram atribuídos à personagem (como a forma de comer), a câmera opta por cenas próximas das expressões faciais e maneirismos da personagem/atriz, além de haver muitas cenas desenvolvidas por meio de improvisação (ZENDRON, 2013).

Mesmo parecendo um detalhe em relação à totalidade da narrativa fílmica, essa característica possível aos atores, de serem signos de um ou mais significantes ou de serem signos de seus personagens e vice-versa, exerce influência na percepção do público em relação à história desenvolvida, visto que o personagem é ligado diretamente à estrutura narrativa.

Structure and character are interlocked. The event structure of a story is created out of the choices that characters make under pressure and the actions they choose to take, while characters are the creatures who are revealed and changed by how they choose to act under pressure. If you change one, you change the other. If you change event design, you have also changed character; if you change deep character, you must reinvent the structure to express the character's changed nature. (MCKEE, 1997, p.110)

Tomando como base as seguintes definições de estrutura e personagem:

The function of STRUCTURE is to provide progressively building pressures that force characters into more and more difficult dilemmas where they must make more and more difficult risk-taking choices and actions, gradually revealing their true natures, even down to the unconscious self. The function of CHARACTER is to bring to the story the qualities of characterization necessary to convincingly act out choices. Put simply, a character must be credible: young enough or old enough, strong or weak, worldly or naive, educated or ignorant, generous or selfish, witty or dull, in the right proportions. Each must bring to the story the combination of qualities that allows an audience to believe that the character could and would do what he does. (MCKEE, 1997, p.110)

Não existe fórmula para construir um personagem, não é mais certo colocar um ator “duplo signo” para interpretar um personagem do que um ator anônimo que possa ser entrelaçado e confundido com esse personagem. Esta é uma simples questão de escolha, que promoverá um determinado impacto na narrativa. Entender esse impacto à perspectiva do espectador é meu foco para este artigo.

Assim, além da pesquisa bibliográfica sobre o tema, proponho um questionário para compreender a percepção do público a respeito do ator como signo e de como este interfere na narrativa de um filme. Para o questionário, é preciso levar em consideração a bagagem cultural do público, o que é fundamental devido às referências por ele apropriadas. Por exemplo, Daniel Radcliffe não será um ator “duplo signo” caso o público que o assiste não tenha entrado em contato com a saga *Harry Potter* (2001). Esse público poderia ser formado por pessoas idosas ou crianças, que fazem parte de gerações que não foram marcadas pela saga e sua divulgação midiática. Podemos considerar, portanto, que o perfil do público interfere na percepção da narrativa fílmica. Então, delimitarei para o questionário um público formado por jovens de idade entre 17 e 25 anos.

Para compreender melhor os resultados do questionário, é preciso explorar um pouco das facetas do papel do ator na narrativa de um filme. O principal ponto a ser analisado é a formação do personagem, composto por *Caracterização* e *Verdadeira Personagem*:

Character design begins with an arrangement of the two primary aspects: Characterization and True Character. To repeat: Characterization is the sum of all the observable qualities, a

combination that makes the character unique: physical appearance coupled with mannerisms, style of speech and gesture, sexuality, age, IQ, occupation, personality, attitudes, values, where he lives, how he lives. True Character waits behind this mask. Despite his characterization, at heart who is this person? Loyal or disloyal? Honest or a liar? Loving or cruel? Courageous or cowardly? Generous or selfish? Willful or weak? TRUE CHARACTER can only be expressed through choice in dilemma. How the person chooses to act under pressure is who he is—the greater the pressure, the truer and deeper the choice to character. (MCKEE, 1997, p.351)

Essa composição do personagem abre espaço para algumas análises. Primeiramente, podemos nos questionar se o significante impregnado no ator, seja por sua imagem pessoal ou por um personagem anterior, seria atribuído ao novo personagem por meio da Caracterização ou da Verdadeira Personagem. Pela definição atribuída a cada um dos dois aspectos da construção do personagem, podemos identificar o significante impregnado como parte da Caracterização, visto que se refere às qualidades observáveis. Quando identificamos um ator “duplo signo”, o fazemos por meio da sua aparência, do seu visual ou dos seus trejeitos, características que compõem a *Caracterização*.

Outro ponto interessante de análise é sobre as dificuldades e oportunidades encontradas pelos atores que representam um ou mais significantes. A partir da última citação, percebemos que a essência do personagem precisa ser maior que sua aparência. Sobre isso, o ator “duplo signo” encontra dificuldade, visto que a essência do personagem que representa precisa ser maior que o valor da sua imagem pessoal ou do personagem interpretado anteriormente. Já o ator anônimo funciona unicamente como signo do personagem interpretado naquele momento, possuindo um campo em branco para construir seu personagem, podendo livremente atribuir características pessoais à sua obra, de modo a aprimorar a complexidade do personagem, confundindo-se com ele, sem correr o risco de ofuscar sua essência.

Além disso, é interessante a essência do personagem ser contraditória à sua Caracterização, a partir de um trabalho com as dimensões do personagem: “Dimension means contradiction: either within deep character (guilt-ridden ambition) or between characterization and deep character (a charming thief)” (MCKEE, 1997, p.354). O ator “duplo signo” pode tirar proveito disso, visto que a simples escolha por um personagem que se oponha à sua imagem pessoal ou a um personagem interpretado anteriormente já promove o trabalho com as dimensões, ou seja, promove contradição. Essa escolha pode até mesmo servir para desconstruir o significante impregnado no ator, uma vez que o público percebe sua “flexibilidade” em representar características tipicamente humanas, deixando de o aprisionar como signo relacionado a uma imagem exterior à personagem interpretada naquele momento.

Essa “flexibilidade” nada mais é do que a capacidade de criar arquétipos. De certo modo, o significante impregnado é um esteriótipo, visto que representa uma experiência sócio-cultural limitada, dependente da bagagem cultural do público. A criação de arquétipos supera qualquer referência estereotípica, visto que a história arquetípica desenterra uma experiência humana universal, que é depois enclausurada numa experiência sócio-cultural específica, possuindo, portanto, maior força narrativa. A história estereotípica inverte esse processo, tentando generalizar um contexto específico, empobrecendo a experiência humana e enfraquecendo a narrativa (MCKEE, 1997, p.18).

Outra questão interessante agora desencadeada: o estado de ator “duplo signo” ou ator anônimo é estático? Definitivamente não. O caso mais claro é o do ator anônimo: uma vez que ele assume um personagem, entrelaçando-se com ele ou não, ele deixa de ser anônimo, podendo até mesmo passar a ser um ator “duplo signo”, caso o papel acolhido seja marcante e o siga por outros projetos ou caso este ator venha a adquirir fama, exaltando sua imagem pessoal. O ator “duplo signo” pode superar seu estado também, por meio da demonstração da sua capacidade de construir arquétipos (como desenvolvido no parágrafo anterior) ou aprimorando suas habilidades de interpretação e representação, destituindo a si mesmo de características do significante impregnado e fortalecendo os novos personagens em sua Caracterização e essência.

Tomando como base todos esses aspectos aqui desenvolvidos, este artigo se propõe a entender como o público percebe e se comunica com o ator quanto signo do personagem que

representa e como este influencia na narrativa de um filme de acordo com a bagagem cultural do público. Há o destaque para a possibilidade deste ator ser, ao mesmo tempo, signo de um personagem anterior ou de si mesmo, além do personagem que representa poder ser também signo deste ator. Desse modo, vêm as principais questões a serem respondidas por meio do questionário proposto: Como o público se comunica com o personagem interpretado por um ator “duplo signo”? Como o público se comunica com o personagem entrelaçado com o ator que o representa? Como o trabalho desses atores interfere na construção da narrativa?

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada no Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), abrangendo estudantes dos cursos de Artes Cênicas e Midialogia entre 17 e 25 anos. Essa escolha se deu devido à tendência de ser um grupo formado por espectadores de filmes, por conta do interesse na análise sobre o trabalho do ator por parte dos estudantes de Artes Cênicas e do interesse pela análise sobre o desenvolvimento e a aplicação dos recursos audiovisuais e comunicacionais por parte dos estudantes de Midialogia. Houve uma restrição em relação aos anos de graduação dos estudantes questionados, devido a maior facilidade de acesso no meu cotidiano aos estudantes das turmas de 2014 e 2015 do curso de Midialogia e aos estudantes das turmas de 2013 e 2015 do curso de Artes Cênicas. Na proposta de pesquisa, havia sido considerado as turmas de 2014 e 2015 de Artes Cênicas, contudo, os estudantes da turma de 2014 se mostraram pouco acessíveis, havendo a necessidade de recorrer aos estudantes da turma de 2013, que se habilitaram a responder o questionário.

A pesquisa tem caráter descritivo, porque foi aplicado um questionário buscando levantar opiniões, atitudes e crenças de uma população, visando descobrir associações entre os pressupostos abordados na introdução e as respostas obtidas. (GIL, 2002, p.41) Desse modo, a pesquisa é tanto qualitativa quanto quantitativa. Além disso, esta é uma pesquisa bibliográfica, visto que promoverá reflexão sobre conteúdos já analisados. (GIL, 2002, p.44)

Em um primeiro momento, busquei entrar em contato com bibliografia relacionada ao tema deste artigo na Biblioteca do Instituto de Artes da UNICAMP. Encontrei livros que ajudaram a expandir meu conhecimento sobre a relação entre atores e público e a interação de ambos com a linguagem cinematográfica, o que permitiu que eu desenvolvesse argumentos para a análise dos resultados obtidos na minha pesquisa.

A segunda etapa foi formular o questionário com questões que buscassem responder às perguntas propostas na introdução. Para isso, foram produzidas questões de múltipla escolha, de modo a facilitar a organização e análise dos dados obtidos, havendo em algumas a possibilidade de desenvolver respostas dissertativas, de modo que a pesquisa pudesse entrar em contato com particularidades na relação entre público e atores inicialmente não consideradas. Era possível marcar mais de uma alternativa na mesma questão, de forma a não limitar em demasia os questionados na expressão de seus posicionamentos nas questões propostas. Busquei elaborar questões objetivas e claras, eficazes à proposta do artigo, e com conteúdo relacionado à cultura pop cinematográfica, buscando aproximá-las à bagagem cultural dos estudantes questionados.

Antes de aplicar o questionário à população selecionada, fiz um teste do mesmo utilizando 5 pessoas do curso de Midialogia e 5 pessoas do curso de Artes Cênicas. Após receber *feedback* destas pessoas, fiz algumas adaptações, reduzindo o número de perguntas, visto que havia redundância nos dados obtidos, e tornando mais objetivas as alternativas, de modo a facilitar a compreensão e evitar interpretações errôneas.

Após as modificações, o próximo passo foi formular o questionário final na página online *Survio*, destinada à produção de questionários e organização de dados. Disponibilizando o *link* do questionário em três grupos da rede social *Facebook* (Instituto de Arte da Universidade Estadual de Campinas, Artes Cênicas UNICAMP e 14,5), foram recolhidas respostas de 25 estudantes do curso de Artes Cênicas e de 26 estudantes do curso de Midialogia.

Tendo coletado todas as respostas, o próprio site *Survio* fez uma leitura estatística dos

resultados, gerando gráficos para cada questão e convertendo em porcentagem a quantidade de respostas para cada alternativa. A partir desses recursos e da disponibilização das respostas dissertativas, fiz uma análise comparativa entre os dados obtidos e minhas expectativas e conhecimentos sobre o tema, buscando refletir sobre os resultados e justificá-los, seguindo a sequência de questões do questionário, de modo a desenvolver minhas próprias conclusões sobre a pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A primeira pergunta contida no questionário buscou compreender o motivo pelo qual o público estudado se identifica com os filmes assistidos, sendo as opções o enredo, o protagonista, os personagens coadjuvantes ou outro elemento, havendo nesta última opção a possibilidade de desenvolver uma resposta dissertativa.

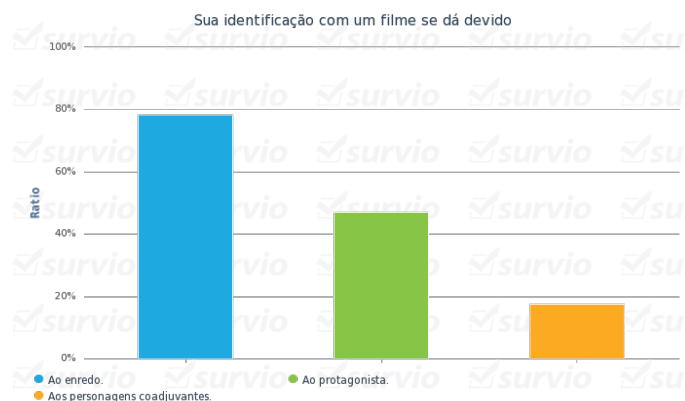


Figura 1 – Gráfico representativo da pergunta aplicada no questionário

Como é possível observar na Figura 1, 78,4% dos questionados se identificam com um filme por meio do enredo, enquanto apenas 47,1% se identificam por meio do protagonista. Uma das respostas dissertativas colocou que “os atores” são, em conjunto, o principal elemento de identificação com o filme, contribuindo para fomentar a relevância do ator na relação entre público e filme, assim como os 17,6% de questionados que consideram os atores coadjuvantes como elementos de identificação. Diferentemente do que era meu pressuposto, o ator protagonista não é o principal elemento evidente de identificação entre o filme e o público, porém, são os personagens, em especial o protagonista, que promovem a construção narrativa do filme por meio de suas ações. Assim, o foco do enredo é necessariamente esse recurso narrativo: os personagens. Logo, o ator possui grande influência na identificação em questão, ainda que isso não seja evidente.

A segunda pergunta fazia referência ao filme *Clube da Luta* (1999), visando saber qual(is) de suas(s) características marcantes seria(m) mais relevante(s) aos questionados. Essa pergunta tinha o objetivo de conferir se a presença de Brad Pitt, que é um ator cuja imagem pessoal pode ser bastante proeminente devido à fama de que goza, estaria acima dos demais atributos do filme, interferindo na sua narrativa. Os dados obtidos se encontram organizados na Figura 2.

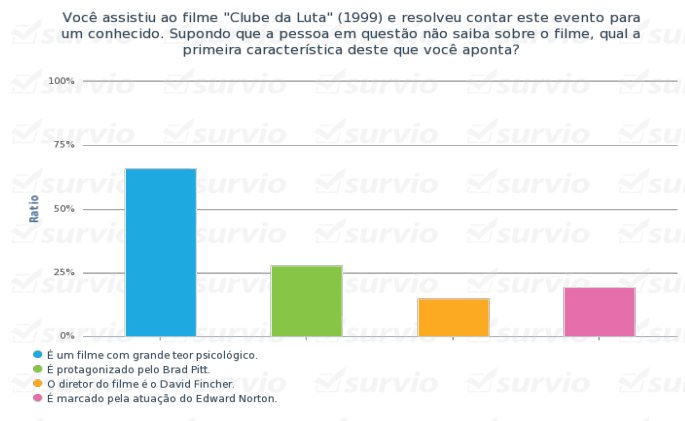


Figura 2 – Gráfico representativo da segunda pergunta aplicada no questionário

Da totalidade de questionados, 66,0% consideram o teor psicológico do filme sua característica mais marcante. Esse dado reforça os dados obtidos na pergunta anterior, que revelou ser o enredo o principal elemento de identificação entre o público e a obra cinematográfica, visto que o teor psicológico do filme em questão se dá por causa principalmente da construção do enredo. O protagonismo de Brad Pitt é classificado como segundo aspecto mais marcante do filme, com apenas 27,7% dos questionados considerando isto. A atuação de Edward Norton é colocada como terceiro aspecto mais relevante, com 19,1% dos questionados atribuindo tal relevância. A comparação desses dados mostra algo interessante: os personagens dos dois atores possuem notoriedade equivalente no desenrolar da história, contudo, Brad Pitt ganha destaque em relação a Edward Norton, provavelmente devido à relevância da sua imagem pessoal. Nesse caso, o valor do ator como signo do personagem que interpreta e de si mesmo interfere na narrativa dando maior destaque ao seu personagem.

A terceira pergunta dizia respeito à morte do ator Leonard Nimoy, cujo papel mais notório foi Spock, de *Jornada nas Estrelas* (1966), visando saber se a imagem do personagem havia superado à imagem do ator.

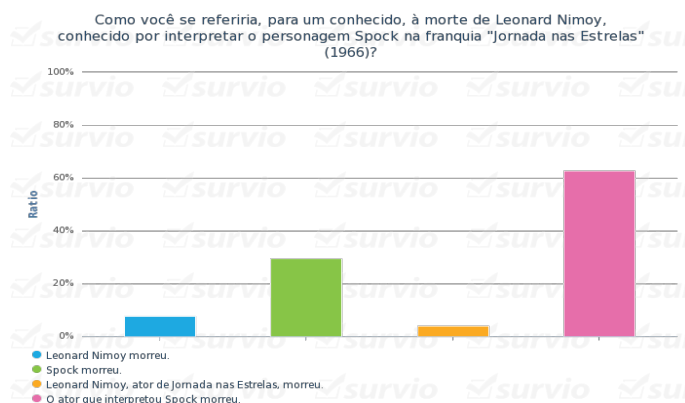


Figura 3 – Gráfico representativo da terceira pergunta aplicada no questionário

Dos questionados, como se observa na Figura 3, 7,8% se referiria explicitamente ao ator e 3,9% se referiria ao ator buscando contextualizar seu trabalho, enquanto 29,4% se referiria explicitamente ao personagem e 62,7% se referiria indiretamente ao ator por meio da citação de seu personagem. Desse modo, podemos perceber que o personagem se tornou signo do ator devido à sua relevância em relação aos demais personagens interpretados por Leonard Nimoy, confirmando o pressuposto de que um ator anônimo pode confundir sua imagem pessoal com o personagem interpretado, sendo este mais relevante às referências do público.

Como mostra a quarta pergunta, representada na Figura 4, o mesmo fenômeno acontece com

o ator Daniel Radcliffe, cujo papel de estreia no cinema foi Harry Potter, protagonista da saga homônima (2001). Este personagem marcou a geração dos questionados devido ao sucesso da saga, assim, estes reconhecem o personagem como signo do ator e vice-versa, como pode ser confirmado pelos 66,7% que afirmaram reconhecer o personagem Harry Potter nos filmes que contam com a atuação do ator Daniel Radcliffe.

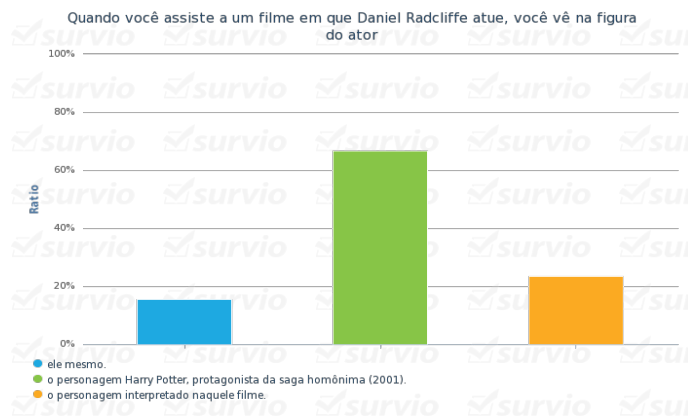


Figura 4 – Gráfico representativo da quarta pergunta aplicada no questionário

Como a geração dos questionados possuiu grande contato com a imagem pessoal do ator, altamente explorada pela mídia, ele carrega consigo também o peso da sua imagem pessoal, verificado por 15,7% dos questionados. O personagem interpretado naquele momento é vislumbrado por 23,5% dos questionados, havendo a possibilidade, contudo, de ser reconhecido ao mesmo tempo este personagem e o personagem Harry Potter ou a imagem do próprio ator. Neste caso, o papel de “duplo signo” do ator fica bastante evidente. Três pessoas optaram pela resposta dissertativa: uma evidenciou justamente que enxerga na performance do ator, ao mesmo tempo, uma mistura do personagem interpretado na ocasião e o personagem Harry Potter; as outras duas afirmaram que a percepção sobre o ator varia dependendo da trama do filme, reforçando a relevância do enredo.

A quinta pergunta faz referência à atriz Angelina Jolie, que possui uma imagem pessoal bastante proeminente e, além disso, é considerada uma profissional competente, ainda que participe de filmes correspondentes a típicos padrões hollywoodianos, que a colocam para a interpretação de personagens semelhantes entre si. Desse modo, essa pergunta visa reconhecer o que o público evidencia nos papéis executados pela atriz.

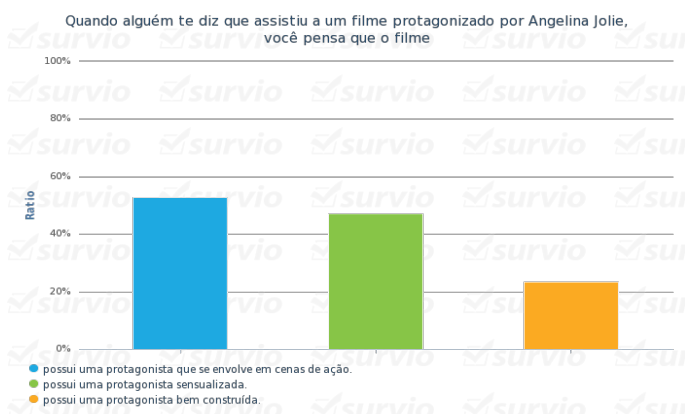


Figura 5 – Gráfico representativo da quinta pergunta aplicada no questionário

Como apresentado na Figura 5, entre os questionados, 52,9% esperam que a protagonista interpretada por Angelina Jolie se envolva em cenas de ação, enquanto 47,1% esperam que essa protagonista seja sensualizada. Isso mostra que existe uma expectativa em relação aos papéis

desempenhados pela atriz, visto que a indústria cinematográfica busca explorar sua imagem pessoal e colocá-la em filmes de ação, visto que esses são fatores que atraem público e geram bilheteria. Contudo, a natureza dessa atração de público não convém aos objetivos desta pesquisa, não sendo pertinente estender sua discussão. Em contrapartida, 23,5% dos questionados esperam assistir a uma protagonista bem construída, mostrando a qualidade do trabalho da atriz, que pode superar sua imagem pessoal e a estereotipada caracterização das suas personagens por meio do trabalho eficiente da essência da personagem.

A sexta pergunta busca por meio de referências cinematográficas saber se a falta de conhecimento do público sobre um ator influencia na construção do personagem e na identificação do público com este.

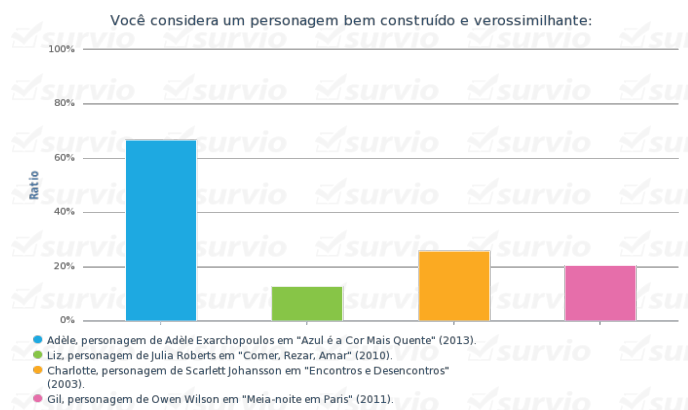


Figura 6 – Gráfico representativo da sexta pergunta aplicada no questionário

Percebemos por meio da Figura 6 que entre os questionados, 66,7% consideram a personagem Adèle do filme *Azul é a Cor Mais Quente* (2013) bem construída e verossímilante. Como foi evidenciado na introdução, a atriz Adèle Exarchopoulos era desconhecida do público antes de protagonizar o filme em questão, sendo que o diretor buscou atribuir trejeitos da atriz à personagem, confundindo-as e fazendo com que se tornem signo uma da outra. Isso foi importante para a construção arquetípica da personagem, que a tornou imensamente humanizada e passível de identificação com o público. A personagem Charlotte de *Encontros e Desencontros* (2003) foi considerada bem construída e verossímilante por 25,6% dos questionados. Esta personagem foi interpretada pela atriz Scarlett Johansson, que na época era já conhecida do público, ainda que não desfrutasse da fama que hoje possui. Por meio de um excelente trabalho arquetípico, a atriz conseguiu dar um caráter psicologicamente complexo à personagem por meio das suas ações, tornando-a de fácil identificação com o público. A personagem Liz de *Comer, Rezar, Amar* (2010) foi considerada bem construída e verossímilante por 12,8% dos questionados e o personagem Gil de *Meia-Noite em Paris* (2011), por 20,5%. Liz foi interpretada por Julia Roberts e Gil por Owen Wilson, ambos atores detentores de grande fama, assim, provavelmente devido ao peso de sua imagem pessoal, os personagens interpretados por estes atores tenham tido sua essência e caracterização ofuscadas. Contudo, Gil parece ser um personagem melhor construído e mais verossímilante que Liz, talvez pelo fato de Owen Wilson ter saído da zona de conforto de seus costumeiros personagens cômicos para experimentar um personagem dramático, tendo obtido êxito nessa transição, desvinculando o ator da imagem de si mesmo ou de outros personagens anteriormente interpretados, por meio de um eficiente trabalho com as dimensões do personagem, devido à contradição entre *Caracterização* (expectativa da imagem do ator) e *Verdadeira Personagem* (essência do personagem).

A sétima pergunta buscou evidenciar se o público estudado se sente passível de identificação com personagens interpretados por atores famosos, ainda que estes sejam também signos de si mesmos. Os dados obtidos se encontram organizados na Figura 7.

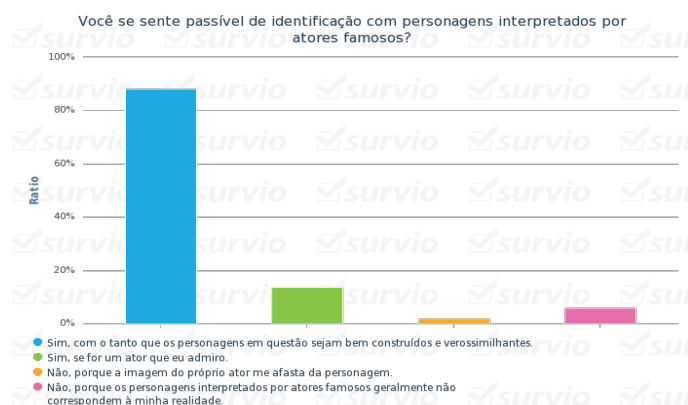


Figura 7 – Gráfico representativo da sétima pergunta aplicada no questionário

Dos questionados, 88,2% se consideram passíveis de identificação com personagens interpretados por atores famosos, desde que os personagens sejam bem construídos e verossímilantes, mostrando que a qualidade de uma atuação pode tornar o ator um signo pleno do personagem interpretado, libertando-o de outros signos ocasionalmente impregnados. 13,7% dos questionados se sentem passíveis de identificação se for um ator que eles admirem. Isso ocorre provavelmente porque o ator é veiculador de valores ao público, assim, se o espectador se identifica com os valores que estão relacionados à imagem pessoal do ator, isso contribui para que haja identificação também com o personagem por ele interpretado. Essa ideia é reforçada quando se percebe que somente 2,0% não se consideram passíveis de identificação devido à imagem do próprio ator afastá-los da personagem interpretada, evidenciando que na maior parte das vezes o público permite que o ator use o valor da sua imagem pessoal como um fator de aproximação entre eles. Apenas 5,9% não se consideram passíveis de identificação devido à escolha de personagens feita por atores famosos, que geralmente não correspondem a suas realidades. Isso ocorre muito devido aos enredos pouco verossímilantes da indústria cinematográfica, onde comumente trabalham os principais atores dotados de fama, já que ganham destaque no cenário mundial por conta do grande alcance das produções desta indústria.

A última pergunta se refere à influência do ator anônimo na narrativa de um filme.

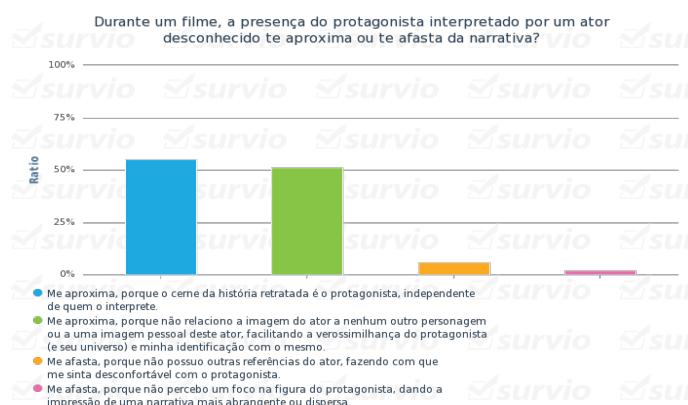


Figura 8 – Gráfico representativo da oitava pergunta aplicada no questionário

Como se observa na Figura 8, dos questionados, 54,9% consideram que a presença do protagonista interpretado por um ator desconhecido os aproxima da narrativa, porque considera que a anonimidade do ator não faz diferença para um filme, sendo o protagonista o cerne da história retratada, independente de quem o interprete, considerando que o protagonista necessariamente tem um valor importante na narrativa. 51,0% consideram que a presença do protagonista interpretado por um ator desconhecido os aproxima da narrativa, porque este funciona unicamente como signo do personagem que interpreta, atribuindo maior verossimilhança e complexidade ao personagem e

seu universo. Esses dados demonstram o importante valor do personagem para a construção da narrativa fílmica, sendo ele o recuso narrativo que estrutura o filme, ainda que nem sempre seja o de maior destaque na percepção do público. Ainda, os dados apresentados reforçam a capacidade do ator anônimo de aproximar seu personagem do público, visto que se torna um intenso signo do personagem, dando-lhe força e, portanto, destaque na narrativa fílmica. 5,9% dos questionados consideram que a presença do ator desconhecido os afasta da narrativa devido à ausência de referências do ator, promovendo um desconforto em relação ao protagonista, e 2,0% consideram que o ator desconhecido os afasta da narrativa devido à ausência de foco no protagonista, de modo a prejudicar o desenvolvimento da história desenvolvida no filme. Esses dados reforçam o valor positivo que o ator “duplo signo” pode ter na obra cinematográfica, principalmente no sentido de fortalecer a presença imagética do personagem interpretado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com os dados levantados, creio que seja possível responder às perguntas inicialmente propostas pela pesquisa: Como o público se comunica com o personagem interpretado por um ator “duplo signo”? Como o público se comunica com o personagem entrelaçado com o ator que o representa? Como o trabalho desses atores interfere na construção da narrativa?

O ator, em última instância, deve se aproximar do espectador de modo a torná-lo o real protagonista da história fílmica, por isso a imensa importância da sua comunicação com o público. O espectador se comunica diferentemente com personagens interpretados por cada tipo de ator “duplo signo”. O ator que é ao mesmo tempo signo do personagem interpretado e de si mesmo possui uma comunicação positiva com o espectador, aproximando-se dele por meio do reconhecimento imagético ou por meio do uso favorável da sua imagem pessoal na construção do personagem, com destaque para o trabalho com as dimensões. A imagem desse ator “duplo signo” é fetichizada, “oferecendo-se de mil formas diferentes ao olhar do espectador” (ROUBINE, 1987, p.27), tornando-se interessante ao público. Já o ator “duplo signo” que funciona ao mesmo tempo como signo do personagem interpretado e de um personagem anterior impregnado à sua imagem, se comunica negativamente com o público, que percebe o personagem representado naquela ocasião fílmica ofuscado pela referência do personagem anterior. Esse ofuscamento rompe com o código “natural” que alimenta o cinema, visto que nele não basta “sugerir”, é preciso “ser”, e a existência do personagem não é concretizada quando o ator deixa de revelá-lo em plenitude.

O público se comunica muito bem com o personagem entrelaçado com o ator que o interpreta, visto que, na falta de outras referências atribuídas à imagem do ator, o personagem consegue se desenvolver plenamente, podendo se apropriar de seus trejeitos e expressões sem que isso tome um significado fora do personagem em questão. Tudo na imagem e na performance do ator é atribuído ao personagem, tornando-o arquetípico e, portanto, altamente passível de identificação com o público.

O ator possui importante influência na narrativa fílmica por ser o principal elemento de aproximação entre filme e público. Isso porque o significado do ator é o conjunto das escolhas e ações que determinam o desencadeamento dos eventos na narrativa de um filme, como anteriormente fora evidenciado. Ou seja, o personagem, significante do ator, é que impulsiona o enredo do filme, considerado como principal meio de identificação pelos questionados. Assim, o ator “duplo signo” cujos significantes são o personagem interpretado e ele mesmo, assim como o ator que se confunde com o personagem, são propícios a promover um trabalho que conduz a narrativa de modo a apreender e reconhecer o espectador. Ao contrário, o ator “duplo signo” cujos significantes são o personagem interpretado e o personagem impregnado é propício a promover um trabalho que não conduz com fluidez a narrativa, tornando-a pouco verossimilhante.

Considero, portanto, ter atingido os objetivos desta pesquisa, visto que as perguntas propostas ao final da introdução foram respondidas em sua totalidade. Desse modo, o artigo cumpriu seu propósito de entender como o público percebe e se comunica com o ator quanto signo do personagem que representa e como este influencia na narrativa de um filme de acordo com a

bagagem cultural do público. Além disso, a pesquisa possibilitou percepções interessantes a respeito do ator enquanto elemento narrativo, visto que sua importância na narrativa fílmica que, ao contrário do que se presumia a princípio, geralmente não está explícita ao espectador, mas implícita nas estruturas narrativas.

Esta pesquisa possui grande capacidade de expansão, visando outras abordagens em relação ao trabalho do ator, como a forma que indústria cinematográfica explora o star system, ou seja, a imagem do ator como ímã sobre a multidão, ou como o diretor influencia na performance desse profissional, visto que “o diretor deve agir como um revelador do ator, ele o ajuda a colocar para fora seu eu profundo, e a lhe dar uma forma; ele o impede de se fechar na comodidade do estereótipo interpretativo” (ROUBINE, 1987, p.47). Estes são somente exemplos de como o assunto aqui tratado pode ser imensamente expandido em outras pesquisas, afinal, o trabalho do ator no cinema pode ser relacionado aos mais diversos recursos narrativos e estruturas fílmicas, visto que sua articulação com o público é um jogo de sedução e provocação que manipula o espectador pela trajetória estipulada pela obra cinematográfica, sendo o principal meio de condução da narrativa de um filme.

REFERÊNCIAS

AZUL é a Cor Mais Quente. Direção de Abdellatif Kechiche. Intérpretes: Adèle Exarchopoulos; Léa Seydoux. Roteiro: Abdellatif Kechiche; Ghalya Lacroix; Julie Maroh. Paris: Quat'sous Films; Wild Bunch, 2013. (179 min.), son., color. Legendado.

CLUBE da Luta. Direção de David Fincher. Produção de Art Linson; Ceán Chaffin; Ross Grayson Bell. Intérpretes: Brad Pitt; Edward Norton; Helena Bonham Carter. Roteiro: Jim Uhls. [s.i.]: Regency Enterprises, 1999. (139 min.), son., color. Legendado.

COMER, Rezar, Amar. Direção de Ryan Murphy. Intérpretes: Julia Roberts. Roteiro: Ryan Murphy; Jennifer Salt. [s.i.]: Columbia Pictures, 2010. Son., color. Legendado.

DES Morceaux de Moi. Direção de Nolwenn Lemesle. Intérpretes: Zabou Breitman; Tchéky Karyo; Adèle Exarchopoulos. 2013. (90 min.), son., color. Legendado.

ENCONTROS e Desencontros. Direção de Sofia Coppola. Intérpretes: Scarlett Johansson; Bill Murray. Roteiro: Sofia Coppola. Tóquio: Tohokashinsha Film Company Ltd.; Elemental Films; American Zoetrope, 2003. (102 min.), son., color. Legendado.

EPSTEIN, Isaac. *O Signo*. Rio de Janeiro: Editora Ática, 1985.

GIL, Antonio Carlos. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2002.

HARRY Potter. Direção de Chris Columbus; Alfonso Cuarón; Mike Newell; David Yates. Intérpretes: Daniel Radcliffe; Emma Watson; Rupert Grint. Roteiro: Steve Kloves; Michael Goldenberg. Londres: Warner Bros., 2001. Son., color. Legendado.

JORNADA nas Estrelas. Direção de Joseph Pevney; Marc Daniels. Produção de Robert H. Justman; Gene Roddenberry. Intérpretes: Leonard Nimoy; William Shatner. Roteiro: Gene Roddenberry. [s.i.]: Paramount Pictures, 1966. (1450 min.), son., color. Legendado.

MCKEE, Robert. *Story: Story, Substance, Structure, Style and The Principles of Screenwriting*. Nova Iorque: Harper-Collins Publishers, Inc., 1997.

MEIA-NOITE em Paris. Direção de Woody Allen. Produção de Letty Aronson, Stephen

Tenenbaum, Jaime Roures. Intérpretes: Owen Wilson; Marion Cotillard; Rachel McAdams. Roteiro: Woody Allen. Paris: Gravier Productions, 2011. (94 min.), son., color. Legendado.

ROUBINE, Jean-Jacques. *A Arte do Ator*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1987.

SANTAELLA, Lucia. *Matrizes da Linguagem e Pensamento*. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda., 2001.

ZENDRON, Mariane. *Atriz e diretor de "Azul É a Cor Mais Quente" encaram polêmicas por filme*, 2013. Disponível em <<http://cinema.uol.com.br/noticias/redacao/2013/12/04/atriz-e-diretor-de-azul-e-a-cor-mais-quente-encaram-polemicas-por-filme.htm>>. Acesso em: 23 de Março de 2015.